



<http://dx.doi.org/10.15448/0103-314X.2024.1.46960>

SEÇÃO: ARTIGOS LIVRES

Peregrinação: um novo modo de viver o Sagrado

Pilgrimage: a new way of experiencing the sacred

Peregrinación: una nueva forma de vivir lo sagrado

José Aguiar Nobre¹

orcid.org/0000-0002-6624-7888

nobre.jose@gmail.com

George Fernandes

Jesuraj¹

orcid.org/0009-0004-1311-8494

georgefsdv@gmail.com

Recebido em: 11 out. 2024.

Aprovado em: 14 out. 2024.

Publicado em: 11 dez. 2024.

Resumo: O presente texto objetiva refletir sobre o fenômeno crescente da prática do pluralismo religioso. Peregrinar aos santuários, especialmente, tornou-se um novo modo de viver a fé cristã, em busca do Sagrado. A pós-modernidade vem proporcionando este fenômeno crescente em busca da graça espiritual e do encontro com o Divino nos santuários. Estes são lugares de encontro, de sociabilidade, de fraternidade e de reconciliação que o ser humano tanto procura atualmente. A pergunta fundamental ficou assim formulada: como peregrinar de modo mais profundo e mais sábio, para se encontrar com o Sagrado em toda a parte da existência humana? Este estudo, que segue uma metodologia de pesquisa bibliográfica, ao abordar as origens da peregrinação no mundo bíblico, inspirando na peregrinação de Jesus, procura compreender como os santuários são lugares privilegiados de peregrinação hoje. Os resultados esperados estão circunscritos ao entendimento de que a teologia da peregrinação pode não somente favorecer a fé, mas também ser uma oportunidade de turismo cultural e religioso. Assim, o humano peregrina em busca da felicidade, aprende a ir ao mais distante da sua existência. Peregrinar é a arte de viver em busca do Sagrado.

Palavras-chave: peregrinação; pluralismo religioso; santuários; arte; busca do Sagrado.

Abstract: This text aims to reflect on the growing phenomenon of the practice of religious pluralism. In particular, pilgrimage to Sanctuaries has become a new way of living the Christian faith, in search of the Sacred. Postmodernity has provided this growing phenomenon in search of spiritual grace and encounter with the Divine in Sanctuaries. These are places of encounter, sociability, fraternity and reconciliation that human beings seek so much today. The fundamental question was thus formulated: how to make a pilgrimage in a deeper and wiser way, to encounter the Sacred in every part of human existence? This study, which follows a bibliographic research methodology, by addressing the origins of pilgrimage in the biblical world, inspired by the pilgrimage of Jesus, seeks to understand how Sanctuaries are privileged places of pilgrimage today. The expected results are limited to the understanding that the theology of pilgrimage can not only favor faith but also opportunities for cultural and religious tourism. Thus, the human being goes on pilgrimage in search of happiness, learning to go to the furthest reaches of his existence. Pilgrimage is the art of living in search of the Sacred.

Keywords: pilgrimage; religious pluralism; Sanctuaries; art; search for the Sacred.

Resumen: Este texto pretende reflexionar sobre el creciente fenómeno de la práctica del pluralismo religioso. Especialmente, hacer peregrinaciones a los Santuarios se ha convertido en una nueva forma de vivir la fe cristiana, en busca de lo Sagrado. La posmodernidad ha proporcionado este fenómeno creciente en la búsqueda de la gracia espiritual y el encuentro con lo Divino en los Santuarios. Son lugares de encuentro, de sociabilidad, de fraternidad y de reconciliación que tanto busca el ser humano hoy. La pregunta fundamental se formuló de la siguiente manera: ¿cómo podemos hacer una peregrinación de manera más profunda y más sabia, para encontrar lo Sagrado en cada parte de la existencia humana? Este estudio, que sigue una metodología de investigación bibliográfica, al abordar los orígenes de la peregrinación en el mundo bíblico, inspirado en la peregrinación de Jesús, busca comprender cómo los Santuarios son lugares privilegiados de peregrinación en la actualidad. Los resultados



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo/SP, Brasil.

esperados se limitan a comprender que la teología de la peregrinación puede no sólo favorecer la fe sino también oportunidades para el turismo cultural y religioso. Así, el ser humano peregrina en busca de la felicidad, aprendiendo a llegar hasta los confines de su existencia. La peregrinación es el arte de vivir en busca de lo Sagrado.

Palabras clave: romería; pluralismo religioso; Santuarios; arte; búsqueda de lo Sagrado.

Introdução

O ser humano é um peregrino que, além de buscar a si mesmo, em sua própria identidade, busca a Transcendência. Sendo *homo viator*, não se fixa em si mesmo nem em sua situação histórica contemporânea. Assim, vale lembrar que a peregrinação tem um caráter simbólico, plasmando a existência humana, elevando-a a dimensões sagradas. Por isso somos peregrinos por natureza e movidos pela intenção de atingir sempre mais profundamente a plenitude humana, o que se dá no encontro com Deus, como uma meta a alcançar. Como rios em busca do Grande Oceano, nossas vidas procuram sua habitação divina. Por isso nossas peregrinações aos lugares sagrados são, na verdade, epifanias do espírito peregrino de nossa existência (Araújo; Bogaz, 2009, p. 101).

Nas peregrinações de todos os povos, encontramos elementos comuns aos credos e particularidades. Os sentimentos de unidade dos peregrinos são tão fortes que fazem desaparecer entre eles as diferenças sociais, políticas, étnicas, culturais e de crenças, como peregrinos que somos, a caminho do Mistério. Assim, vale lembrar que a peregrinação recupera um evento passado, renova o tempo presente, atualizando a presença divina no meio do povo para uma experiência transcendental (Araújo; Bogaz, 2009, p. 106).

A peregrinação não é somente uma categoria histórica, nem um fenômeno ligado ao Ocidente ou ao cristianismo, embora ao longo dos tempos a Igreja tenha criado um berço cultural no qual a peregrinação seja relevante. Entendemos que ela está para o ser humano como o sangue para a vida. Peregrinar não é um ato meramente extrínseco ao humano, como se fosse simples deslocação. Compreendemos que peregrinar

pertence ao âmago do ser humano. A existência é, em si mesma, uma experiência dinâmica de um ser peregrinante, não no sentido apenas metafórico, mas no sentido instituinte. Daí que a noção bíblica de peregrinante possa constituir um paralelo com a noção contemporânea de existência. Estar em êxodo inerente à existência, sair de si para ser caminhante em busca daquilo que ainda não se é. Há no ser humano, por um lado, uma insatisfação que conduz à ultrapassagem de si, e, por outro, uma indigência que assinala limites dos quais o mais radical é a finitude. A peregrinação, como realidade, fundamenta-se no ser de cada existente em demanda de plenitude (Lima, 2007, p. 20).

Phil Cousineau (1999) partilha a sua experiência sobre peregrinação. Ao longo dos anos, ele participou de muitas formas tradicionais de peregrinação religiosa, assim como das formas modernas e seculares, e seguiu as trilhas de uma série de viajantes através da história. Ele está convencido de que a peregrinação é ainda um autêntico rito de renovação espiritual. Mas também entende a peregrinação como uma poderosa metáfora de qualquer jornada feita com o propósito de encontrar alguma coisa de profunda importância para o viajante. Com um aprofundamento de foco, cuidadosa preparação, atenção voltada para a trilha sob nossos pés e respeito pelo destino da caminhada, é possível transformar até a viagem mais comum numa via sagrada, uma peregrinação. O que os viajantes lendários nos ensinam desde Pausânio e Marco Polo é que a arte da viagem é a arte de ver o que é sagrado (Cousineau, 1999, p. 23).

Nesta perspectiva, a pergunta mais desafiadora tem sido: como viajar de modo mais sábio, mais frutífero e mais nobre? Como podemos mobilizar a imaginação e animar nosso coração de forma que possamos, em nossas jornadas especiais, "ver em toda a parte do mundo a inevitável expressão do conceito de infinito [nas palavras de Louis Pasteur; ou perceber, com Thoreau], a divina energia em toda a parte" (Cousineau, 1999, p. 24).

Papa São João Paulo II (1999, p. 6), falando sobre suas visitas aos lugares sagrados, disse:

Não está porventura o espaço, tal como o tempo, integralmente sujeito ao domínio de Deus? De fato, tudo saiu das suas mãos e não há lugar onde ele não se possa encontrar: "Do Senhor é a terra e tudo o que nele existe, o mundo e quantos nele habitam. Ele a fundou sobre os mares e a consolidou sobre as ondas" (Sl 24/23, 1-2). Deus está igualmente presente em todos os cantos da terra, pelo que o mundo inteiro pode considerar-se "templo" da sua presença.

Por isso peregrinar é importante na vida do ser humano, que se liga com o Seu Divino Criador. Consegue dialogar facilmente com o Divino, e o ambiente ajuda a entrar no mistério mais profundo da sua existência. Deus se manifesta aos seres humanos nos lugares sagrados. Vamos conhecer um pouco da história da peregrinação no mundo bíblico.

1 Peregrinação no mundo bíblico

Na história da Salvação, narra-se uma sequência de advertências da parte de Deus para com o Seu povo, instigando-o a uma tomada de consciência do seu ser peregrino. O Senhor adverte Adão, depois da queda, quando este parecia já tomado na mentira, recusando a sua responsabilidade e acusando Eva pela culpa do pecado (Gn 3, 16-20). Chama Abraão; fá-lo sair de Ur dos Cananeus, para o enviar a uma nova terra, constituindo-o pai de gerações incontáveis que se realizarão como peregrinos: "Sai da tua terra [...] e vai para a terra que eu te mostrar" (Gn 12, 1). A história dos patriarcas é toda ela realizada sob o signo da peregrinação, pois que os lugares de instalação são também figuras de possíveis ou reais vícios, como acontece com Sodoma (Gn 19). Em Moisés, a advertência de Deus é para sair: "Vem, e eu te enviarei ao Faraó" (Êx 3, 10); e é também na confirmação do seu ser peregrino com o ser humano que Deus sossega Moisés: "Eu estarei contigo" (Êx 3, 12). A partir daqui, na epopeia da saída do Egito, Deus prova de novo a Sua contínua peregrinação ao lado do ser humano e desafia-o a uma postura de autenticidade. É necessária a presença de Moisés no Egito para criar a instabilidade num sistema de escravatura instalada. Também as narrações portentosas do Êxodo são o sinal deste balancete a gerir

permanentemente pelo povo: a escolha entre a instalação e a peregrinação. Fica claro que a Terra Prometida não será alcançada senão numa aventura incessante e exodal. É esta a lição do Deus presente no Êxodo bíblico (Lima, 2007, p. 23).

A peregrinação no deserto em busca da terra prometida torna-se o sonho sendo realizado e a profecia cumprida (Êx 15). A peregrinação a Jerusalém é como o retorno do exílio (Sl 126), voltando à casa do Senhor. Essa cidade de peregrinação é o grande símbolo da reunião dos filhos de Deus dispersos (Is 60). O símbolo de Jerusalém é lugar privilegiado da presença de Deus e se torna um santuário nacional, referência de unificação do povo. Assim, a acolhida dos peregrinos é compreendida como um dever do povo hebreu, que, na tradição bíblica, merecem toda a hospitalidade. O abrigo e a acolhida ao peregrino são uma virtude que marca a espiritualidade bíblica. "Alegrei-me, quando me disseram: 'Vamos à casa do Senhor!' Já estão pisando nossos pés as tuas portas, ó Jerusalém!" (Sl 122/121, 1-2).

A atitude do peregrino é uma atitude de confiança, pois para partir é preciso confiar em Deus e em seus oráculos. Se o Senhor é protetor do povo, o povo se coloca na condição de caminhante, que enfrenta desafios e, sem olhar para trás, cultiva a solidariedade, vai construindo um novo modo de viver. Peregrinar é um processo de mudança de vida, a partir do encontro com Deus no seu "monte sagrado", que instala sua presença na comunidade (Araújo; Bogaz, 2009, p. 108).

Os gestos dos peregrinos na chegada a um santuário não são apenas o sinal do êxito ou da alegria de uma missão cumprida, nem são apenas o remate obrigatório pela sujeição à regra ritual. Os gestos dos peregrinos no término do percurso são também descarga do peso acumulado ao longo dos dias, entrega catártica das tribulações ou, para dizer de outra forma, oferecimento ritualizado de uma síntese das agruras da vida e ramallete de um projeto renovador (Lima, 2007, p. 34).

Se no mundo cristão é sobretudo a partir da "paz da Igreja" que o fenómeno da "peregrinação" se vai intensificar, assumindo ou não uma herança

de muitos séculos no judaísmo, o mesmo fenômeno, fundamental na antropologia religiosa, constitui, por meio das culturas, do espaço e dos milênios, um dos tempos fortes da experiência religiosa coletiva e individual.

No quadro religioso do Egito antigo, os mortos eram conduzidos a Bonsiris, lugar da paixão osiriana, ou ao cumprimento dos mistérios de Abydos. Delfos, Delos ou a Ilha Santa, pelos finais do século V a.C., santuários consagrados ao culto de Apolo, eram lugares de panegíricas onde se celebravam as festas públicas de assembleia geral em honra dos deuses e na presença da multidão "peregrina". No coração do islamismo, a peregrinação à Meca é inevitável, voltando-se os sunitas para o túmulo do profeta em Medina, e os chiitas para as cidades santas de Karbalá (no Iraque) ou de Mashad. Na Índia, Benares ou Gaya confirmam o dado fundamental da peregrinação humana como estruturante, como o faz a tradição nipônica com a peregrinação búdica de Shikoka aos 80 santuários. Também nas origens da religião de Israel estão lugares de peregrinação ligados a santuários de culto cananeu, de tradição insigne, como Siquém ou Hebron, ou de religiosa devoção, como Silo (Lima, 2007, p. 43-44).

2 A peregrinação de Jesus no mundo

Na visão cristã de peregrinação, a mística da encarnação é um grande projeto peregrino de Deus. O próprio Cristo é um peregrino que parte do Reino de Deus e se encarna na história da humanidade. Jesus participava das peregrinações de seu povo, como iam todo ano a Jerusalém (Lc 2, 41). A vida de Jesus Cristo fundamenta a peregrinação de todos os fiéis cristãos. Cristo, O Grande Peregrino, inspira seus discípulos na realização de peregrinações como caminho de busca dos lugares sagrados. Os lugares mais sagrados para os cristãos é a Terra Santa (Israel), onde Jesus viveu historicamente: Belém, o Calvário, o Santo Sepulcro, o Monte Tabor, o Horto, entre outros. Os primeiros cristãos veneravam os santos lugares, que testemunhavam a presença de Jesus em sua caminhada de fé.

Entendemos que se deslocar, em espírito de

oração, de um lugar a outro, de uma cidade a outra, naquele espaço particularmente marcado pelas intervenções de Deus, ajuda-nos não só a viver a nossa vida como um caminho, mas apresenta aos nossos olhos a ideia de um Deus que nos precedeu e precede, que Se pôs, Ele mesmo, a caminho pelas estradas do homem, um Deus que não nos olha de cima, mas fez-se Nosso Companheiro de viagem (João Paulo II, 1999, p. 19).

Ser peregrino é uma opção espiritual, muito mais que um passeio ou uma simples caminhada. É um caminho à procura de Deus e sua dimensão histórica, real e concreta. Como ocorreu na estrada de Emaús (Lc 24, 13-35), o caminho da peregrinação é um caminho da conversão, é uma encruzilhada na vida dos caminhantes, que normalmente redirecionam suas vidas ao final de seus itinerários (Araújo; Bogaz, 2009, p. 114).

Recordemos, na dinâmica da peregrinação, o relato de Emaús (Lc 24,13-35), aldeia que ficava a sessenta estádios de Jerusalém. A distância exata não é o mais importante, mas o que ela significa, sobretudo no contexto dos dois discípulos e, particularmente, uma distância imperfeita, assim como imperfeito é o número dos discípulos. A perfeição abrir-se-á quando forem três, assim como a distância seria de totalidade e perfeição se se tratasse de setenta estádios. A caminhada é sempre marcada por alguma imperfeição, como para dizer que é este o estatuto do peregrino. Todas as aldeias ficam à distância, como é a aldeia na dinâmica da existência. Os humanos vivem marcados por este movimento de separação, que, por vezes, parece resultar em um grande afastamento, como quando Jerusalém fica para trás, mas que, depois, se transforma em aproximação, quando, no encontro, é Jerusalém que regressa no olhar e nos impele a levantar e voltar imediatamente (Lc 24, 33). Em outras palavras, podemos entender que o caminho de desilusões é, cedo ou tarde, percorrido por todos que se deixam acompanhar pelo Ressuscitado. E isso se efetiva com a sensação de ardência no coração num desejo insistente de ficar perto do Cristo peregrino que, no cair da noite, quer ir

mais adiante. Mas ao fazer parte da longa estrada de regresso, que conduz à Cidade Santa, onde a comunidade está reunida num canto comum da profissão de fé, o convidamos sempre para ficar conosco (Lc 24, 34) (Lima, 2007, p. 25).

Os cristãos dos primeiros séculos costumavam fazer peregrinação aos túmulos dos apóstolos e dos mártires. Os mártires são símbolos significativos das comunidades. A fidelidade e a coragem desses homens e mulheres sempre fortaleceram e animaram a espiritualidade dos seguidores de Jesus Cristo. Voltar às fontes é uma forma de reviver a chama da fé e o compromisso do discipulado. Com as peregrinações aos lugares dos mártires, crescem também os santuários marianos, devido aos lugares bíblicos relacionados com Maria e às aparições aos fiéis ao longo dos séculos.

As motivações da peregrinação são o amor a Jesus Cristo e a devoção à Mãe de Deus. Os fiéis vão ao santuário para expressar seu amor a Nossa Senhora, uma necessidade espiritual e afetiva independentemente de sua fé, religião e crença. É um sentimento filial e uma confiança materna na proteção da Mãe de Deus. Os peregrinos carregam consigo as dores, as angústias, as decepções, os sofrimentos, as doenças, o desemprego, o pedir graças, bem como o agradecer. A visita da imagem é fundamental para os peregrinos, como também participar de uma celebração litúrgica, andar de joelho como penitente e acender as velas. São motivos variáveis na busca desses lugares sagrados que constituem um fenômeno religioso, mas também um sentimento de passeio e lazer religioso no mundo pós-moderno.

3 Os santuários são lugar de peregrinação hoje

Sob o nome de santuário, estende-se a igreja ou outro lugar sagrado, onde os fiéis, em grande número, por algum motivo especial de piedade, fazem peregrinações, com a aprovação do ordinário local (Lima, 2007, p. 75).

O Senhor é o peregrino primeiro, que faz esse exercício do peregrinar muitas vezes e de mui-

tos modos. Na plenitude dos tempos, Deus nos visitou no mistério da Encarnação (Hb 1, 2). Na peregrinação que dá novo vigor aos passos de quem peregrina, está O Peregrino, que, ainda na aurora da presença na carne, no seio de Sua Mãe, reivindica de imediato este estatuto para ela, que lá vai pressurosa peregrinar à sua parente Isabel (Lc 1, 39-56). A narrativa da Visitação constitui aquele quadro mais harmonioso do peregrino divino sem falha que visita sua Mãe sem falha igualmente, o que esclarece os passos apressados de Maria Peregrina, que foi a visitada. Se a visita da anunciação recorda a hospitalidade dos peregrinos debaixo dos carvalhos de Mambré (Gn 18), a visita a Isabel é o quadro paradigmático de tantas visitas de hoje aos santuários espalhados pelo mundo. De fato, é o Senhor que, no Templo Santo da Sua Mãe, sobe a Ain Karim, na montanha, a 6 quilômetros de Jerusalém, numa visita à família mais próxima, subindo Ele também à montanha, apostando um rumo aos peregrinos de todos os tempos. O quadro de Ain-Karim prossegue, sendo um quadro de bênção nos lábios daquela que a presença do Senhor consagrou como Seu Santuário. "A minha alma glorifica ao Senhor", como canto de gratidão, é canto de bênção que faz memória da grande promessa feita a Abraão (Lima, 2007, p. 68-69).

No interior da grande peregrinação que Cristo, a Igreja e a humanidade realizaram e devem continuar a realizar na história de sempre, todo o cristão é chamado a inserir-se e participar. O santuário para o qual ele se dirige deve tornar-se, por excelência, "a tenda do encontro", como a Bíblia chama o tabernáculo da aliança. Os santuários marianos oferecem uma autêntica escola da fé sob o exemplo e a intercessão materna de Maria. Os santuários são como pedras miliares que orientam o caminho dos filhos de Deus sobre a terra. Na história da Igreja, o peregrinante pode encontrar-se em numerosos santuários "antenas permanentes da Boa-Nova", ligados a eventos decisivos da evangelização ou da vida de fé de povos e de comunidades. Todo santuário pode ser considerado portador duma mensagem precisa, uma vez que nele se representa, atualmente, o

evento que fundou o passado, que continua a falar ao coração dos peregrinos (O Santuário [...], 2000). O Código de Direito Canônico (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, 2019, 1230 e 1234) explica sobre o santuário e o seu sentido:

O nome de santuário entende-se a igreja ou outro lugar sagrado aonde os fiéis, por motivo de piedade, em grande número acorrem em peregrinação, com a aprovação do Ordinário do lugar. Nos santuários ponham-se à disposição dos fiéis meios de salvação mais abundantes, com o anúncio cuidadoso da Palavra de Deus, o fomento da vida litúrgica, principalmente por meio da celebração da Eucaristia e da Penitência, e ainda com o culto de formas aprovadas de piedade popular.

Foi assim ao longo da história da humanidade, como se os santuários surgissem como termos-tatos da intensidade existencial das experiências religiosas. Lugares de peregrinação, de romaria ou de visita devocional foram assim os santuários semitas dos séculos XII da era pré-cristã, como assim os santuários hiperorganizados de Roma, de Jerusalém, de Meca, de Varanasi e os santuários marianos de Lourdes, de Fátima, de Guadalupe, de Aparecida, de Velankanni, de Medjugorje ou de Santiago de Compostela, dentre outros. Milhões de peregrinos, em uma experiência disseminada pelos quatro cantos do mundo, instigam a reflexão de historiadores, antropólogos, sociólogos e teólogos. Fenômenos de grandiosidade e de amplitude mediática, de impacto sociológico indelével, romarias, peregrinações ou grandes concentrações em santuários aparecem como construções mediadoras de fiéis e de grupos num grande todo (Lima, 2007, p. 10).

O santuário torna possível uma individualização de experiência religiosa muito cara ao visitante dos nossos dias, longe dos esquemas litúrgicos e das regras das instituições. Para além disso, os lugares considerados santuário facilitam a experiência religiosa num quadro festivo, afastando o peregrino do quadro rotineiro no qual o espaço sagrado é demasiado próximo e familiar. O santuário é também o estranho que atrai e apetece, que dinamiza pela novidade e que faz ser outro pelo lado positivo da abundância (Lima,

2007, p. 82).

Como referiu João Paulo II aos congressistas reunidos em Montserrat (Barcelona): "o santuário 'aparece' como o lugar onde Deus acolhe o homem e aonde o homem se converte no rosto do Senhor, onde os visitantes podem descobrir o autêntico rosto do Senhor que os leva a uma existência cada vez mais conforme com o Evangelho" (Lima, 2007, p. 90). Montserrat é visitada por aproximadamente dois milhões de pessoas a cada ano. Algumas pessoas vão a Montserrat como parte de uma peregrinação religiosa. Outras vão como parte de um passeio de ônibus pela Catalunha. Algumas vão em uma viagem cultural de um dia, saindo de Barcelona, e outras vão caminhar, escalar ou pedalar na montanha (Tourism [...], 2024).

A Cidade do Vaticano é o menor país do mundo, embora receba mais de 5 milhões de visitantes por ano (How [...], 2024). A Basílica de Nossa Senhora de Guadalupe no México recebe cerca de 20 milhões de peregrinos a cada ano. Isso a torna a segunda maior peregrinação do mundo. Cerca de nove milhões desses peregrinos vêm durante os dias em torno de 12 de dezembro, em que Nossa Senhora de Guadalupe é celebrada (The Guadalupe [...], 2024). De acordo com as estimativas do ministério, cerca de 2,6 a 2,7 milhões de turistas terão visitado Israel (a Terra Santa) em 2022, contra 4,55 milhões de turistas em 2019 (Margit, 2022). Cerca de 6 milhões de pessoas visitam Fátima, em Portugal, a cada ano, incluindo peregrinos e turistas. O número de visitantes pode chegar a centenas de milhares, entre 13 de maio e 13 de outubro, que são as datas mais importantes na história das aparições em Fátima (Fátima [...], 2024). Mais de 5 milhões de pessoas visitam Lourdes, na França, todos os anos, tornando-a um dos santuários cristãos mais visitados do mundo. A temporada de peregrinação vai da Páscoa até o final de outubro (11 Interesting [...], 2024).

O Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida, no Brasil, recebe mais de 7 milhões de peregrinos anualmente. Isso o torna o local de peregrinação mais popular do Brasil e da Amé-

rica Latina (Aparecida, 2024). Velankanni tem um dos maiores centros de peregrinação católica da Índia, a Basílica de Nossa Senhora da Boa Saúde. É popularmente conhecida como a "Lourdes do Oriente". Suas origens remetem ao século XVI. Anualmente, 20 milhões de peregrinos frequentam o Santuário Nacional da Índia Nossa Senhora de Velankanni, dos quais 3 milhões de pessoas visitam o santuário durante sua festividade, de 29 de agosto a 8 de setembro. A festividade anual de 11 dias conclui com a celebração da Festa da Natividade de Nossa Senhora, em 8 de setembro (Shrine [...], 2024).

4 Teologia da Peregrinação

Constata-se hoje, que, paralelamente a certo modo solitário de viver e as grandes apostas relativas à preservação do indivíduo, às peregrinações possuem uma massa humana garantida. Não se trata de um fenômeno da exclusiva responsabilidade do *marketing* mediático, tampouco de uma moda passageira que responderia em contraponto ao exagerado. Trata-se mais de um fenômeno que não é novo, mas que a história vai registrando nas suas diferentes fases. Do ponto de vista religioso, constata-se uma tendência de crescimento deste fenômeno (em redor dos santuários), numa época de forte propensão à privatização de rituais, ideias e devoções.

Se a religião é um assunto do foro privado, particularmente na sua estrutura ritualizada, ela aparece também como a realidade da vastidão, da totalidade, de uma espécie de imersão no coletivo. Naquilo que representam ou na sua face mais visível, as peregrinações provocam e estimulam a dimensão de grandeza comunitária encerrada em cada indivíduo como microcosmos. Trata-se de uma aparatosa totalidade que parece obrigar, ainda que momentaneamente, a superação de cada um, num argumento evidente de que o indivíduo não se esgota no círculo de si mesmo. A escala de cada lugar, uma peregrinação, como concentração, possui este efeito de superação e de espanto, dada a totalidade, por vezes demasiado anônima, do envolvimento. As gentes, na sua existência, dizem-se sob o véu

de uma universalidade patente, numa atmosfera de coletividade que surpreende e se revela benfazeja em balancete com alguma miopia no cotidiano. Se a massa surpreende, é também porque ela é fonte de uma energia renovadora para o indivíduo indefeso e confrontado com a tentação constante de um narcisismo redutor (Lima, 2007, p. 11).

Surpresa que indicia alguma superação, como primeiro fruto do encontro de todos, não programado. Na peregrinação, a fonte comum donde brotam novas pistas para a existência individual é muito mais que o resultado de um convite multiplicado. Participa-se numa espécie de abundância para a qual todos deram um passo, mas da qual todos recebem um dom maravilhoso, o milagre do lugar e da comunidade. Há desejo, vontade de ser, que se esconde no tecido social de uma peregrinação, como há desejo de derubar fronteiras ou pelo menos de perscrutar o simples limiar do além. O que impressiona nestes momentos de exceção não é tanto o precioso lugar no qual cada um existe e que o delimita na sua contingência, mas sobretudo o grande espaço dos outros como multidão, que obriga a alargar o olhar além dos limites de um vasto horizonte (Lima, 2007, p. 12).

Impressionante é a dose de uma mística de purificação que a peregrinação e seus lugares encerram e encenam. É certo se constatar que o efeito é muito maior do que a causa, dada a abundância e a diferença consentida. Porém, o peregrino, como participante, leva-se sempre consigo, oferecendo no grande altar da metamorfose tudo o que tem de mais habitual, na textura de uma vida semeada de falhas, de incompreensões, de "queixumes" e de amargas ou angústias. É na simplicidade de um oferecimento esquecido, momentaneamente voluntário, mas logo dissipado pela emergência do comum, que a sua vida se metaboliza, acontecendo a purificação e a catarse, que tornam mais leve o existir. Assim, é com propriedade que os centros de peregrinação e de concentração popular são chamados de altar, como lugar de sacrifício, purificação e transformação; pode mesmo não

se tratar de um lugar sacralizado por uma religião, mas apenas exercer a mesma função num contexto mais secular, mas sempre investido do sagrado (Lima, 2007, p. 13).

Vale recordar que os peregrinos reunidos carregam as suas histórias, tecidas de indigências e de necessidades, de impasses e de inglorias. Exteriormente será difícil desvendar, nos itinerários dos romeiros ou peregrinos, algumas coerências, a não ser a da diversidade de peripécias, de fatos dispersos, de algumas apostas e teimosias, que os incitam a estar, a fazer e a celebrar. Poder-se-ia dizer que, se a coerência existe, ela não procede do início ou do ponto de partida, mas mais do acabamento, do final, do ponto de chegada. Trata-se de alguma coerência de índole escatológica que invade os participantes como coroamento, como se o que mais interessasse fosse o fim a partir do qual todo o resto tem sentido. Há mesmo disfunções nas trajetórias e opções de alguma insensatez ao longo das etapas: o jejum prolongado, o esforço físico, o sofrimento procurado, a exposição ao perigo e a morte.

Porém, se ao longo do caminho se vislumbram significados retalhados ou fragmentos de significação, o percurso adquire uma significação cabal e total a partir do fim, do cumprimento pleno, em que cada indivíduo toca as raízes de uma identidade, coroando os seus esforços na presença da comunidade; aí todo o passado, longínquo ou próximo, adquire novo sentido, à medida que é reinterpretado a partir da grandeza de um dom recebido, quantas vezes superior à própria expectativa. De fato, as peregrinações têm algo a ver com a sensibilidade numa dimensão tátil, como têm a ver com o contato e o tateamento com a transcendência. Vive-se na ordem do simbólico religioso com lugar paradoxal do conhecimento da maior proximidade, a do contato, e, ao mesmo tempo, da maior distância (Lima, 2007, p. 15).

Se, teologicamente, Deus é a última palavra sobre o ser humano e sobre a compreensão do seu mistério, também é longa a tradição que coloca o humano em demanda de provas para a existência de Deus. O que se acaba de referir a partir da própria experiência do ser humano,

permite concluir não só sobre a legitimidade de um tal procedimento, pois a existência de cada um reclama o próprio ser, mas também sobre a própria origem deste dinamismo incessante no humano, a própria origem deste dinamismo incessante do ser humano. Nesse sentido é que o próprio Deus peregrino aparece como prova do ser humano peregrinante. É assim que Ele se revela. Nesse sentido, o humano que O descobre ou o ser humano que O acolhe têm o mesmo estatuto, o do peregrino. Deus é a sua própria prova, inscrita na experiência de todos os dias. Quando o humano acolhe Deus, abre-se ao dom do Criador e não faz senão aprender a partir da fonte, sendo toda ação de Deus uma lição para o ser humano. É a peregrinação de Deus, saindo da sua intimidade, que realiza a criação, como é também a peregrinação de Deus no Jardim do Éden em busca dos humanos, que provam ao homem a sua capacidade responsorial reencontrando a sua identidade. Deus sai, Deus vem, Deus procura. É esta a realidade do Seu amor dinâmico. A peregrinação, em termos temporais, é o eco deste dinamismo mendicante do Deus Eterno; o homem, ao longo do seu percurso, não faz senão mendigar a origem (*in principio*) que será o seu termo (*in gloria*), visto que "só na glória celeste alcançará a sua realização acabada" (Lima, 2007, p. 20-21).

Onde está o santuário do peregrino? Nas pedras que desafiam as alturas? Na beleza do enquadramento das ermitas ou nos escadórios que dão acesso aos monumentos? Nas liturgias celebradas ou nas romarias de promessa? Na película fotográfica ou no ex-voto que oferece? Na oração que pronuncia ou na contemplação estética que lhe provoca algum êxtase? Onde está? Na plenitude dos tempos, o Peregrino divino fez-se carne e habitou entre nós, e nós vimos a Sua Glória (Jo 1, 14) (Lima, 2007, p. 94).

Os percursos de cada um são inseparáveis da fonte, podendo esta não ser confessada. O "Caminho" foi oferecido de uma forma definitiva em Cristo, pois ninguém pode ir até ao Pai senão por Ele (Jo 14, 6). A Visita é permanentemente renovada sempre que o Evangelho deixa marcas, o

que equivale a dizer sempre que cada peregrino busca a verdade e aspira ao mais íntimo de si mesmo na sua peregrinação. Procura o "Santuário secreto", que, afinal, o Deus eterno edificou no seu coração, tornando-o adorador em Espírito e Verdade (Jo 2, 23). O encontro realiza-se sempre, mais e mais até a oferta final (Lima, 2007, p. 120).

5 Peregrinação: turismo cultural e religioso

Ao longo dos séculos, as peregrinações foram envolvendo uma enorme infraestrutura de serviços, com uma dimensão econômica de alto relevo. Hoje, as agências multiplicam-se, não só em função dos peregrinos, mas também voltadas para o mundo dos turistas, no denominado turismo cultural e religioso, ascendente nos relatórios estatísticos e apresentando às igrejas e comunidades locais novas questões de índole pastoral. Desde a última parte do século passado, a mobilidade humana acentuou-se como fenômeno de massa, e a atração do diferente, do ainda não visto, fez crescer a onda de visitas e visitantes aos grandes lugares que antes se chamavam, quase de forma exclusiva, "lugares de peregrinação" (Lima, 2007, p. 59).

O peregrino e o turista, um e outro são visitantes, já que as circunstâncias culturais não só mudam os quadros de vida e as formas de realização de cada grupo humano, mas também potencializam transformações do sagrado e metamorfoses ao nível das práticas que vão na linha da expressão do religioso. Alguns elementos essenciais apoiarão aquela aproximação entre peregrino e turista, já que em muitos casos o turismo aparece como peregrinação secular.

Desde o início, cada ser humano, como ser visitado, vive sob o signo de uma realidade que o ultrapassa e o procede. A visita de que é alvo e que o faz ser, tornando-o visitante também, supõe o visitante das origens. A transcendência a que cada homem está exposto coloca esta questão irredutível à Antropologia. Ela não a resolve cabalmente, se se abstém de sair de sua esfera, do seu universo. Mas, para ser autêntica, está aberta a este outro lado da visita que só a

Teologia reflete, recebendo cuidadosamente o legado de tantas gerações. O Visitante das origens pode estar dissimulado, pode ainda estar coberto de véus culturais que só o tempo irá descerrando, para cada grupo ou para cada homem (Lima, 2007, p. 64).

No início, está sempre naquele jardim de delícias e de responsabilidade que ofereceu àqueles que aprendem a falar porque Lhe escutam a voz. Assim, são companheiros de um Visitante primeiro, no início de tudo. Companheiros na liberdade e na resposta, na escuta e na voz, na recepção e na palavra que confessa e reconhece. Reconhecem-se mutuamente, chamam-se e dialogam, porque o Visitante da origem lhes ofereceu o eco da sua Palavra e insuflou neles o sopro vital, o seu *Ruah*. Visitados e visitantes, nas origens, capazes de não se afastarem do santuário, mas chamados à responsabilidade de contemplar aquela árvore sagrada (Gn 2, 8-9), que, no meio do jardim, os fará regressar sempre àquela voz secreta e íntima que lhes devolve a identidade de visitados (Lima, 2007, p. 65).

Muitas vezes não sabe por que vai. Acontece a partida no movimento normal das suas visitas de rotina. Como peregrino, dá consigo a pensar nas razões de contraste que evitariam a partida. Não entende o fulgor de tantos diante dos milagres ou aparições nos locais para onde se dirige; é céptico em relação às razões dos mais crentes que o acompanham; cria alguma ruptura com o lugar a visitar a partir das suas representações culturais de certa forma adversas. É turista. Vai talvez por socialidade, pelo prazer do desconhecido e seu fascínio, ou ainda, quem sabe, apenas seduzido por alguma mística de um lugar alto. Vai, sem outras pretensões. Mas vai, porque esta coisa de ir faz parte da sua natureza desde a origem. Peregrino, porque esta coisa estrutura o seu ser. Fátima, Lourdes, Montserrat, Czestokowa, Loreto ou Notre-Dame, de Paris, recebem milhões de peregrinos que não formalizarão a razão da sua visita, mas que ali encontram resposta para o desejo profundo que os faz partir, sair, caminhar (Lima, 2007, p. 71).

O mundo hoje é um permanente lugar de

encontro inter-religioso, sobretudo com a facilidade de conhecer a partir das mídias e com o dispositivo turístico colocado à disposição das populações. As pessoas, os peregrinos, estão na base da sua cultura, interrogando por vezes a sua própria tradição religiosa, no confronto com a cultura dos outros. Todos são visitantes e, por isso, todos são turistas, dando voltas e mais voltas. Encontram santuários físicos que lhes devolvem sem cessar interrogações para aquela viagem de transcendência que continuarão a fazer. O turista sem fé mendiga algo mais, deixando-se transformar no encontro-visita de uma instância religiosa altamente significativa para ele. Ele grava-a no seu vídeo, para não perder a visita à memória.

O turista crente, peregrino, mendiga algo mais, também deixando-se interpelar talvez pela beleza e pela solenidade de um espaço que o Senhor lhe concedeu por graça. Grava a visita no símbolo da oração ou no gesto táctil nas franjas de um manto santo. Na figura do turista não crente pode haver alguma sombra de indiferença mais visível, o que pode transparecer menos na do crente. A visita deixa sempre as suas marcas no peregrino. Assim, sejam os santuários lugares de um pluralismo santo, estando abertos à pluralidade de caminhos dos seres humanos. De peregrinos ou turistas, naquele santuário há muitos encontros com o Senhor que só estarão registrados no Paraíso (Lima, 2007, p. 94).

Conclusão

Homens e mulheres aprenderam a fazer peregrinações para que a identidade fosse sendo construída nos encontros diários de um itinerário em busca de felicidade. Aprenderam a sair do quotidiano para lembrar que a trajetória não termina na banalidade ou na rotina que configuram os textos de cada dia. Aprenderam a ir mais longe, a distâncias longas, como outrora aquela que separava Nazaré, na Galileia, de Ain Karim, nas proximidades de Jerusalém. Aprenderam a percorrer distâncias, assinalando-as como aquelas que sempre superam, uma vez que os separam da realização plena inscrita em seu ser. Só se realizam enquanto peregrino que, cada um na

sua originalidade, deixará as marcas de alguma superação naquele lugar diferente que o atrai, sem discutir motivos, mas na consciência dos limites que em cada etapa da história pessoal podem ser ultrapassados.

O grupo, o movimento e a organização podem constituir-se em quadro motivador de uma procura, mas a terra encontrada será a sua, na profundidade de uns pés que são irrepetíveis. O peregrino não vai só, nem está só, particularmente nos grandes centros de peregrinação, mas enfrenta-se a si mesmo na desmedida que encontra. É esta luz, ou luminosidade excessiva, que pode provocar o novo mundo na trajetória de sua identidade. Os peregrinos, na sua singularidade, não saem iguais depois da viagem ou da peregrinação, ainda que porventura não formalizem para ninguém aquilo que acontece na alma, na sua interioridade, pois as palavras poderiam fragilizar em demasia a experiência rica de uma visita que até deixa nostalgia (Lima, 2007, p. 70-71).

"Que alegria, quando ouvi que me disseram: 'vamos à casa do Senhor!' e agora nossos pés já se detêm, Jerusalém, em tuas portas" (Sl 121, 1). O Santuário do Deus eterno é fonte de alegria e a casa da plenitude. Por isso os filhos recorrem ao caminho, à verdade e à vida oferecida por Jesus – e ninguém vai ao Pai senão por Ele (Jo 14, 6). Por isso, cada peregrino busca a verdade e aspira ao bem maior que é o Cristo. Peregrinar significa caminhar com Cristo e percorrer o mesmo caminho que Ele percorreu; é o sinal do discipulado. Peregrinar ao santuário é adorar o Senhor no Espírito e na Verdade (Jo 2, 23).

Peregrinação é o fenômeno crescente aos santuários hoje, em busca da graça espiritual e do encontro com o Divino. A modernidade facilita e promove a peregrinação e o acolhimento nos santuários. Hoje, os santuários são lugar de encontro, de sociabilidade, de fraternidade e de reconciliação que o ser humano procura. A prática da romaria ou da peregrinação pertence em todos os tempos e em todos os lugares ao universo das religiões. Os santuários ajudam no equilíbrio emocional, na empatia espiritual e na

ordem cósmica, a universalidade das religiões. Os santuários são uma projeção do futuro da humanidade escatológica e existencial.

Enfim, não pretendemos esgotar a temática. Certamente, um bom estudo especializado ajudará a compreender melhor o fenômeno da peregrinação crescente aos santuários para entender melhor o Sagrado e a mística dos peregrinos que hoje buscam os santuários. É importante ressaltar que os santuários são terrenos férteis e favoráveis para a nova evangelização, a escuta da Palavra, o anúncio da Boa-Nova e o diálogo profético. O peregrino ou turista necessitam de pontes de apoio, acolhida e de encontros. Cada peregrino é um ser digno e único que se faz caminho para a Pátria definitiva. Por isso abrir-se ao outro para a humanização e a socialização se torna uma grandeza do peregrinante. Receber o peregrino como recebe o próprio Cristo com amor e com misericórdia se torna uma vocação. "Deixai as crianças virem a mim e não as impeçais, pois o Reino dos Céus pertence aos que se assemelham a elas" (Mt 19, 14).

Referências

11 INTERESTING facts about Lourdes. *Joe Walsh Tours*, [Dublin], 2024. Disponível em: <https://joewalshstours.ie/interesting-facts-about-lourdes/>. Acesso em: 10 out. 2024.

ANDRADE, Matheus. Santuário Nacional registra aumento no número de peregrinos em 2023. *Vatican News*, [S.l.], 5 jan. 2024. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2024-01/santuario-nacional-registra-aumento-numero-peregrinos.html>. Acesso em: 11. out. 2024.

APARECIDA. In: WIKIPEDIA: The Free Encyclopedia. [São Francisco, CA: Wikimedia Foundation], 2024. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Aparecida>. Acesso em: 23 set. 2024.

ARAÚJO, José Luís; BOGAZ, António S. Fé em Deus e pè na estrada: sonhos e esperanças dos peregrinos do Santuário de Aparecida. In: COSTA, Valeriano Santos (org.). *Liturgia: peregrinação ao coração do Mistério*. São Paulo: Paulinas, 2009. p. 101-226.

BRANDES, Dom Orlando. *Aparecida e sua mensagem*. Aparecida: Santuário, 2018.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Código de Direito Canônico*. 3. ed. Brasília: CNBB, 2019.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO E CARIBENHO (CELAM). *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo: Paulus, 2009.

COUSINEAU, Phil. *A Arte da Peregrinação: para o viajante em busca do que lhe é Sagrado*. São Paulo: Agora, 1999.

FÁTIMA, Portugal. In: WIKIPEDIA: The Free Encyclopedia. [São Francisco, CA: Wikimedia Foundation], 2024. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/F%C3%A1tima,_Portugal. Acesso em: 23 set. 2024.

HOW many people live in Vatican City? *Sightseeing Tours Italy*, [S.l.], 2024. Disponível em: <https://www.vaticancitytours.it/blog/how-many-people-live-in-vatican-city/>. Acesso em: 10 out. 2024.

JOÃO PAULO II, Papa. *Carta sobre a Peregrinação aos Lugares Relacionados com a História da Salvação*. São Paulo: Paulinas, 1999.

LIMA, José da Silva. *A Peregrinação: percursos e palavra*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007.

MARGIT, Maya. Christian Tourism to Holy Land Slowly Recovers Ahead of Christmas. *The Media Line*, [S.l.], 19 dez. 2022. Disponível em: <https://themedialine.org/life-lines/christian-tourism-to-holy-land-slowly-recovers-ahead-of-christmas/>. Acesso em: 10 out. 2024.

O SANTUÁRIO: Memória, Presença e Profecia do Deus vivo. *Aparecida: Santuário*, 2000. (Cadernos Marianos, v. 5).

SHRINE Annai Velankanni Church. *Karaikal District*, [S.l.], 2024. Disponível em: <https://karaikal.gov.in/tourist-place/shrine-annai-velankanni-church/>. Acesso em: 10 out. 2024.

THE GUADALUPE Pilgrimage. *Thales: building a future we can all trust*, [S.l.], 2024. Disponível em: <https://www.thalesgroup.com/en/guadalupe-pilgrimage>. Acesso em: 10 out. 2024.

TOURISM at Montserrat Monastery in Catalonia. *Tourist Guide Montserrat*, [S.l.], 2024. Disponível em: <https://www.montserrat-tourist-guide.com/>. Acesso em: 10 out. 2024.

José Aguiar Nobre

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro/RJ, Brasil. Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba/PR, Brasil. Professor do Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo/SP, Brasil.

George Fernandes Jesuraj

Mestrando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo/SP, Brasil.

Endereço para correspondência**JOSÉ AGUIAR NOBRE****GEORGE FERNANDES JESURAJ**

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Departamento de Teologia

Rua João Ramalho, 466

Perdizes, 05008-001

São Paulo, SP, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.